

TRANSFORMAÇÕES DO MORAR EM CAMPOS ELÍSEOS.

Pedro Camargo Russo (IC) e Volia Regina Costa Kato (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo traçar um panorama da transformação vivenciada em São Paulo desde o final do século XIX. Tem como objeto o bairro de Campos Elíseos, no Centro da cidade, antigo local de moradia da aristocracia cafeeira. Teve suas dinâmicas completamente transformadas durante o século XX, com a crise de 1929 e o novo modelo de cidade rodoviarista proposto. Hoje, ainda é possível ver resquícios do passado histórico do bairro, que contrasta com a realidade tensa que ali impera, com múltiplas disputas e múltiplos atores presentes. A partir de incursões e registros do território, busca-se retratar tal realidade.

Palavras-chave: Campos Elíseos, transformação, morar.

ABSTRACT

The present study aims to make an overview of the transformation undergone in São Paulo, since the beginning of the nineteenth century. The object of research is the "Campos Elíseos" neighbourhood, in the city Center, former abode to the coffee grounds aristocracy. It had its dynamics completely transformed during the twentieth century, with the crisis of 1929 and the new highway based city plan proposed. Today, it is still possible to see remnants of the neighbourhood's historical past, which strikingly differs from the tense reality now operating, with multiple disputes and actors. From excursions and registers in the territory, the aim is to portray that reality.

Keywords: Campos Elíseos, transformation, dwell

1. INTRODUÇÃO

O Centro de São Paulo foi, durante o século XIX até a década de 1950, o polo econômico e político da cidade, revestido por um imaginário de glamour e de maior prestígio social e cultural. Além de concentrar as atividades industriais do Estado, era um local privilegiado para sede de diversas empresas do ramo empresarial, bancos, espaço de moradia de classes média e alta, marcado ainda por ampla diversificação das atividades de comércio e serviços. Porém, ao passar dos anos, tal realidade se alterou com o aparecimento de novas centralidades que respondiam às transformações das dinâmicas locais e nacionais. Empresas de todos os ramos começaram a retirar suas sedes da região central e transferi-las para outras regiões, como para a Av. Paulista e para a Av. Luís Carlos Berrini. Acompanhado desse processo de transferência, também as elites se deslocaram e o Centro, como afirma Villaça (2001, p.265), se tornou um único Centro Velho, “abandonado pelas camadas de alta renda, passando a orientar-se para as camadas populares”. Contudo, cabe salientar que as novas centralidades, surgidas a partir da década de 1960, são polos especializados e não carregam as características diversificadas que sempre marcaram a área central, através das quais se abriam possibilidades de trabalho formal e informal. Assim, é possível afirmar que o centro de São Paulo é uma região consolidada, com ofertas de emprego variadas, serviços de saúde e educação, transporte e os mais diversos tipos de serviços, ou seja, uma região privilegiada de se morar.

Neste contexto, Campos Elíseos, a área de interesse desta pesquisa, foi considerada por muito tempo uma das melhores zonas habitacionais da cidade. Foi residência de importantes barões do café que vinham para São Paulo a negócios, além da residência oficial do governador do Estado. Porém, devido à proximidade à linha férrea (no caso, a estação da Luz), a região começou a ser atrativa para outros tipos de atividade como pensões e pequenas indústrias, passando assim por um processo de popularização. Devido a isso, o bairro foi paulatinamente perdendo interesse imobiliário e sendo ocupado por populações de mais baixo poder aquisitivo. Camadas sociais de classe alta e média optam por deixar o bairro e se deslocam para regiões como Higienópolis e Av. Paulista. Abre-se então espaço para a população mais pobre morar nestas regiões, principalmente em casas de cômodo e cortiços. (BRANQUINHO, 2007) Apesar dos levantamentos oficiais serem muito defasados, já se identificava há mais de uma década atrás, altas concentrações destas condições precárias no distrito de Santa Cecília, onde se localiza a área de estudo. (REQUENA; HOYLER; SARAIVA, 2015). O fenômeno deixa evidente a importância da localização urbana da moradia nas condições atuais de precarização do trabalho através da informalidade, baixas remunerações e instabilidades que induzem as formas de sujeição a aluguéis extorsivos e moradia precária. (KOHARA, 2010). Acompanhando esta presença, observa-se também a existência de laços

sociais históricos antigos dos moradores de cortiços e pensões nestes locais, envolvendo além das relações no trabalho, formas de sociabilidades cotidianas diversas, laços familiares e de amizade.

É importante salientar que a área de Campos Elíseos vem passando por fortes pressões contraditórias de expansão da pobreza em várias direções, inclusive no crescimento da população em situação de rua, fenômenos acentuados pelas condições circunstanciais de pandemia recente, ao lado de outras mais sutis e novas relacionadas a interesses imobiliários na área central de São Paulo, além das intenções hoje renovadas de requalificações urbanas por parte do Poder Público.

Diante deste panorama, a pesquisa busca apresentar cenários de aproximações espaciais por meio de registros pontuais e cartográficos, sobretudo iconográficos, do presente que revelam transformações do morar na região de Campos Elíseos na central da cidade de São Paulo. Busca-se, referenciar as conexões espaciais entre moradia, espaço urbano construído e segmentos sociais predominantes de moradores e outros atores sociais, destacando os processos históricos destas transformações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O entendimento do processo de transformação histórica da região da área central de São Paulo fornece elementos de reflexão conceitual para se compreender as situações urbanas do presente, indicando especialmente as influências econômicas e sociopolíticas sobre a cidade e as formas de vida que se organizam a partir delas, incluindo mudanças dos padrões predominantes do espaço construído e das composições sociais no território. Ao se analisar fotos do final do século XIX até o princípio do século XX, constata-se que a paisagem de Campos Elíseos se resumia em uma região estritamente residencial, onde moravam massivamente famílias de alta renda. Entre eles, importantes nomes da aristocracia cafeeira.

Ao final do século XIX e início do século XX, novos projetos de loteamentos passaram a surgir em São Paulo, principalmente nas imediações da Av. Paulista e de Higienópolis. De certa forma, formou-se então uma concorrência frente a Campos Elíseos, reduto da elite paulistana até então. Porém, é importante destacar que a proximidade a linhas férreas influenciou desde sempre as características morfológicas e populacionais de Campos Elíseos. Assim como os cafeicultores enxergavam morar próximo à estação como um facilitador de em suas negociações, a população de menor poder aquisitivo também vislumbrava a oportunidade de lucrar com a instalação de pequenos comércios adjacentes e pensões para curta permanência.

Predominou, a partir do início do século XX na região, pequenos comércios, oficinas mecânicas e indústrias têxteis. Parte dos palacetes ou foram demolidos ou sofreram adaptações para se tornarem “casas de cômodo”. Iniciou-se, portanto, um processo de popularização da região. Apesar das condições questionáveis de moradia, o acesso à infraestrutura era um grande atrativo para os menos abastados residirem no centro da cidade.

Com a crise de 1929, a produção cafeeira entra em declínio vertiginosamente. Campos Elíseos é atingido em questões de moradia de cafeicultores que ainda ali permaneciam. Atrelado ao café, as ferrovias também entraram em um processo de declínio, tendo em vista o crescimento do transporte rodoviário. Tal fato logo iria se mostrar de extrema importância na mudança das características não só de Campos Elíseos, mas de São Paulo como um todo. Nas proximidades do bairro, a malha viária se tornou obsoleta para o atual contexto. Alguns trechos do território sofreram alarmante, como é o caso das avenidas Duque de Caxias, Rio Branco e Al. Barão de Limeira. Com isso, edificações, incluindo palacetes da época cafeeira, tiveram de ser demolidas. O caráter residencial do bairro passa a ser extremamente prejudicado pelo aumento do fluxo de veículos, ganhando cada vez mais características de uma simples passagem urbana.

A transformação da paisagem urbana de Campos Elíseos, tanto na questão do morar como nas dinâmicas do território, é inerente às novas transformações econômicas que estavam em andamento. Assim como afirma BRANQUINHO (2007), o espaço e, logo a paisagem, são reflexo de uma relação social, e não apenas um produto de novas dinâmicas produzidas pela sociedade. A produção e o capital produtivo têm relação direta com alterações físicas e sociais, principalmente em centros urbanos em desenvolvimento.

A região denominada por Campos Elíseos foi alvo do mesmo processo de transformação. Seu surgimento e suas características estão diretamente relacionados com o avanço da economia cafeeira. Ali, casarões de grande porte imperavam em plena paisagem, em uma região exclusivamente residencial elitista. Assim como seu surgimento, a decadência do bairro coincidiu com a crise da economia agroexportadora e transporte ferroviário. Via-se então, São Paulo, centro urbano em crescimento, incorporar em sua paisagem uma economia urbano-industrial, acompanhada também do avanço do transporte rodoviário.

Sendo assim, Campos Elíseos, assim como Luz e Santa Cecília perderam seu caráter de local residencial das elites que se direcionaram para outros locais enobrecidos da cidade como o espigão da Paulista, Pacaembu e Jardim América. Com o processo de popularização, inclusive do comércio e serviços, estas áreas centrais se tornaram locais de moradia de populações de menor poder aquisitivo devido às facilidades de se morar próximo a

infraestruturas essenciais. Ao se alterar a população, logo as dinâmicas e fluxos se alteram na mesma medida.

O auge dessa transformação e mudança de características do bairro a ser considerado foi na década de 1960, com a instalação do Terminal Rodoviário. Acompanhado disso, o fluxo de pessoas circulantes aumenta consideravelmente e cria uma dinâmica de curta permanência na área, como pequenos comércios e pensões para pernoite. Porém, na década de 1980 com a inauguração do novo Terminal Rodoviário do Tietê, iniciou-se um processo de “decadência” em Campos Elíseos.

Porém, assim como novamente afirma BRANQUINHO (2007), a partir de seus estudos de Karl Marx e David Harvey, a visão acerca da decadência é relativa:

“Com efeito, considera-se que a noção de decadência deve ser relativizada, pois toma como referência formas de reprodução de capitais mais dinâmicos e de maior porte. Sob outro ponto de vista, a desvalorização resultante desse processo pode ser a condição para reprodução de capitais menores e mesmo a oportunidade de ocupação dessa área por uma população mais pobre, marcando uma fase de transição para uma posterior retomada do processo produtivo com investimentos mais vultosos, inclusive com intervenção do Estado e especulação imobiliária, como ocorre atualmente em Campos Elíseos.” (Branquinho, E; p.19).

O Estado como ator tem função da manutenção da ordem e do equilíbrio, através da organização, homogeneização e hierarquização do espaço BRANQUINHO (2007). Porém, a partir da intervenção por ele feita ou mediada, realizada por um ator distinto, não é possível evitar o afloramento de conflitos e manifestações contrárias a tais. Em Campos Elíseos, local hoje tão plural e diversificado, as propostas de “revitalização” são constantes. Tais ações são tentativas estatais de atrair novos investimentos locais por parte da iniciativa privada e, majoritariamente, pelo mercado imobiliário. Em tais projetos, a população que atualmente reside na região é ignorada e descartada, sinalizando indícios de um processo de gentrificação iminente.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de procedimentos metodológicos combinados, buscando articular reflexões conceituais e aproximações empíricas diversas e possíveis nas condições de avanços da pandemia de COVID-19. Desenvolveu-se, deste modo, um processo com etapas paulatinas de aprofundamento e descobertas. Cabe destacar que o recorte territorial da pesquisa, envolvendo inicialmente Santa Cecília e Campos Elíseos foi redefinido e concentrado especificamente nesta última área, tendo em conta a concentração de cortiços e ações convergentes através de múltiplos atores aí existentes.

Em relação aos aspectos conceituais, novas referências bibliográficas surgiram para que o trabalho se mostrasse mais bem estruturado. Entre as principais contribuições, estão as diversas contribuições de Catherine Bidou-Zachariassen (2006), através das quais foi possível analisar e comparar diferentes processos de gentrificação em centros urbanos consolidados. Outros referenciais sobre tipologias históricas e ações sociais e coletivas promovidas neste território de pesquisa, tais como “Campos Elíseos - história e imagens”, de Juan Esteves (2017), e informações e análises obtidas no espaço digital “Observatório das Remoções” foram fundamentais para o entendimento das dinâmicas atuais, e ações importantes, múltiplas e convergentes na área de pesquisa.

Em relação às aproximações empíricas, três principais procedimentos foram utilizados: a. derivas virtuais através de recursos digitais disponíveis tais como mapa de satélite e outros mapeamentos contendo imagens; b. derivas presenciais e visitas pontuais de reconhecimento de campo no território realizadas em momentos em que a pandemia se mostrava mais branda e adotando-se todas as medidas de segurança recomendadas, através das quais foi possível realizar registros fotográficos que permitiram visualizar cenários do território atual; c. conversas informais com alguns atores coletivos, presentes e atuantes na área, promovidas à distância e através de meios virtuais. Estes contatos informais foram fundamentais para aproximar o território e seus moradores no seu dia a dia e acessar dinâmicas que em grande parte não possuem visibilidade pública.

A partir destas aproximações empíricas, foram elaborados acervos de pesquisa com fotos, mapeamentos e registros pessoais de observação e análise.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados elencados a seguir, trazem um panorama das transformações históricas do morar na área de Campos Elíseos, através de fragmentos, resquícios e elementos pontuais no espaço urbano. Tais elementos mostram no presente, vínculos com o passado e situações urbanas de precariedade generalizada incidente tanto na moradia adensada em cortiços e pensões quanto no aumento expressivo de população em situação de rua, sinalizando um território devastado pela ausência de políticas públicas urbanas efetivas e permeado conflitos e as disputas cada vez mais evidentes.

4.1. Resquícios do morar: palacetes em Campos Elíseos



Mapa 01. Mapeamento de palacetes e cortiços. Fonte: Elaboração própria/ Geosampa, 2021.

Em relação aos processos históricos relacionados à transformação do morar, é importante destacar que a Lei do Inquilinato, promulgada em 1942, a qual congelava o preço dos aluguéis, dificultou para os proprietários dos palacetes se beneficiarem dessa renda. Logo, muitos imóveis permaneceram fechados ou até abandonados, características essas que podemos visualizar até os dias de hoje. Porém, a realidade de tais edificações históricas diverge bastante entre si conforme se espalham pelo território.

Parte das edificações, principalmente as que foram residência de aristocratas do café, passaram por processo de restauração e posteriormente incorporadas por órgãos públicos ou empresas privadas. Entre os exemplos, está o Palacete Dino Bueno – vide Mapa 04 - (R. Guaianases, 1238-1282), construído em 1895 em estilo eclético, que foi residência do antigo Secretário de Interior do Estado, Antonio Dino da Costa Bueno. Com sua morte e a mudança de sua família do local na década de 1930, o espaço passou a ser alugado por uma instituição católica que ali permaneceu até 1970. Após tal período e com o palacete já deteriorado pelo uso, em 1975 foi adquirido pela seguradora Porto Seguro e posteriormente restaurado. Atualmente, possui ligação direta com a sede da Porto Seguro, que o adquiriu em 1975.

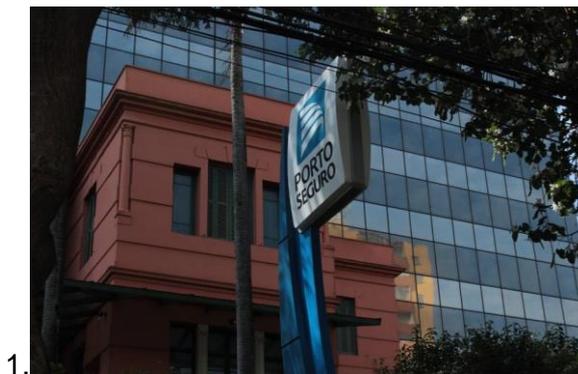


Figura 01. Palacete Dino Bueno a partir da R. Guaianases. Fonte: Pedro Russo, 2021.

Outro exemplo a ser contemplado é o Palacete Prates (R. Guaianases, 1281)- vide Mapa 04. Projetado em 1896 em estilo eclético, com porão e sótão habitáveis, foi residência de Alfredo Prates, importante nome da indústria de calçados. Por um período serviu de cortiço e, mesmo com isso, suas características de fachada se mantiveram bem conservadas. Até 2013 foi propriedade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, quando foi adquirido pela Porto Seguro e restaurado.



Figuras 02/ 03: O antes e depois do Palacete Prates. Fonte: São Paulo Antiga, 2021.

Porém, outros exemplos não tiveram o mesmo destino. É o caso dos vizinhos da Rua Conselheiro Nébias (1283 e 1555), que se encontram em estado de degradação progressiva. O Palacete José de Sousa Queiroz (nº 1555) – vide Mapa 04- , construído em 1909 em estilo *art nouveau*, foi habitado pelo patriarca e família até 1944. Até 2004 abrigou a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e em seguida foi doado para o Movimento Pastoral do Povo da Rua. Atualmente, se encontra abandonado. Logo ao lado, outro palacete (nº 1283) – vide Mapa 04 - de características semelhantes ao anterior, porém utilizado como cortiço atualmente. Alguns moradores podem ser vistos na parte frontal da residência. Mesmo com as condições de abandono e encortiçamento, ambos palacetes preservam grande parte de suas características de quando projetados.



Figuras 04/05. Palacetes na R. Cons. Nébias 1555 e 1283. Fonte: P. Russo, 2021.

Verifica-se, portanto, que, ao se falar de Campos Elíseos, não é possível apenas enxergar os palacetes em seu estado puro, mas também um conjunto de transformações que interferem em toda a dinâmica do bairro.

4.2. Derivas: tipologias do morar, território em transformação

O processo de deriva foi essencial para que fosse possível ter visões mais aguçadas da área de estudo. Foram realizadas em três momentos distintos e com finalidades distintas, mas sempre buscando identificar e interpretar as dinâmicas territoriais. Para cada uma, estão elencados mapeamentos com o trajeto realizado e onde foram feitos os registros fotográficos, enumerados de acordo com as figuras elencadas no presente trabalho.

4.2.1. Deriva 1 (virtual): outras perspectivas. 05/02/2021



Mapa 02. Trajeto realizado e registros fotográficos. Fonte: Elaboração própria/ Geosampa, 2021.

Devido às restrições ocasionadas pela pandemia de COVID-19, as primeiras aproximações do território se deram de maneira virtual. Inicialmente, foram feitos simples mapeamentos e levantamentos e, em seguida, optou-se pela realização de uma deriva virtual. Mesmo sabendo dos prejuízos sensíveis em relação a uma deriva *in loco*, foi possível levantar

material suficiente para compreender a realidade vivenciada no território. A ferramenta utilizada foi o Google Street View.

Buscou-se nessa primeira aproximação fazer uma análise tipológica dos cortiços da área de estudo. O objetivo principal era interpretar e relacionar os imóveis, se possuíam características arquitetônicas relevantes, as adaptações sofridas e seu estado de conservação.

Puderam ser encontrados exemplos de imóveis que, visivelmente, apresentam características históricas que remetem ao passado histórico de Campos Elíseos. Para se adaptarem aos novos usos, foram feitas remodelações edilícias, algumas podendo ser percebidas logo na fachada.



Figura 06. R. Eduardo Prado, 477. Fonte: Google Street View, 2021.

Figura 07/ 08. Al. Barão de Piracicaba, 819/ 433. Fonte: Google Street View, 2021.

Foram encontrados também imóveis que não apresentam características arquitetônicas relevantes, mas que se apresentam como solução habitacional para população em situação de vulnerabilidade, mesmo com condições de salubridade questionáveis.



Figuras 09/ 10: Pensões e imóveis adaptados na R. Helvétia. Fonte: Google Street View, 2021.

4.2.2. Deriva 2 (presencial): visão aproximada. – 20/02/2021



Mapa 03. Trajeto realizado. Fonte: Elaboração própria/ Geosampa, 2021.

Devido ao agravamento da pandemia de COVID-19, as aproximações *in loco* foram repetidamente adiadas. Mesmo assim, houve necessidade de aproximações sensíveis, sobretudo visuais, que foram realizadas através de trajeto por automóvel. Estabeleceu-se como critério explorar de forma espontânea porções do território ainda não visitadas, resultando num trajeto que pode ser visto no Mapa 03. O ponto de partida foi a R. Ana Cintra, próximo ao edifício Racy, mesmo local onde se iniciou a deriva virtual. Pode ser feita uma primeira aproximação com o passado histórico do bairro com palacetes surgindo durante o trajeto, alguns conservados ou restaurados e outros encortiçados ou abandonados.

Ao se aproximar da Al. Barão de Piracicaba, a situação conflituosa e o território em devastação dão as caras, com grande quantidade de pessoas em situação de rua e imóveis emparedados. A tensão era constante, tanto que a deriva foi interrompida para evitar futuros problemas.

4.2.3. Deriva 3 (presencial) - visão aprofundada - 15/08/2021



Mapa 04. Trajeto realizado. Fonte: Elaboração própria/ Geosampa, 2021.

Já tendo feito estudos prévios e um maior planejamento do que buscar, foi organizada uma última visita ao território. Nela, buscou-se registrar de maneira mais criteriosa os imóveis de relevância histórica presentes no local, com registros fotográficos que refletiam suas atuais realidades.

Além disso, por mais arriscado que fosse, viu-se necessário adentrar no perímetro da chamada “Cracolândia”, mesmo que de maneira singela. A triste realidade ali vivida era de saltar os olhos e fazer questionar do que se trata os tantos projetos de “revitalização” propostos e que não levam a população ali residente em consideração. O que se enxerga são muros, tanto no sentido literal como também no figurado. Abaixo, um registro feito próximo a PPP Habitacional Júlio Prestes, cercada de barreiras que praticamente o segrega do conjunto da realidade complexa do bairro.



Figura 11. PPP Habitacional Júlio Prestes. Fonte: Pedro Russo, 2021.

4.3. O território em disputa: lutas e resistências

Com o passar dos anos, as dinâmicas urbanas no território de Campos Elíseos se alteraram e ganharam novos atores. Atualmente, nota-se disputas diversas na área, nas quais

participam o poder público, grupos da iniciativa privada, moradores da região, coletivos locais, dependentes químicos etc.

Os interesses do capital imobiliário tendem a ver com bons olhos a “revitalização” de Campos Elíseos assim como a área central como um todo onde se observam muitos lançamentos imobiliários que vem criando o padrão “estúdio” como um novo modo de morar. Localizado na região central de São Paulo, bem servido de infraestrutura e com um passado histórico relevante, o território e suas imediações são alvos constantes de tais projetos.

“(…) é bem claro que os atuais promotores de programas de “revitalização”, segundo a expressão consagrada no Brasil, não reconhecerão a visão que eles querem dar do futuro dos centros urbanos na irreversibilidade mais ou menos declarada dessas tendências. As proposições dos urbanistas que hoje são responsáveis por esses programas, incluem valores sociais, culturais e estéticos, supostamente capazes de responder a uma demanda transclassista. Mas eles têm também bastante consciência de dispor de poucos instrumentos de regulação para serem aplicados diante das grandes forças do mercado e da concorrência, que fragmentam o espaço de modo cada vez mais rápido.” (BIDOU-ZACHARIASSEN: 2006, p.267)

As propostas locais, muitas vezes, ao invés de trazerem a requalificação esperada, com novos espaços democráticos e inclusão local, ampliam a desigualdade e os “muros” no território, separando os pontos influenciados pelo capital dos locais com índices elevados de vulnerabilidade. Acompanhado dos investimentos locais, estão ações descabidas de violência policial e remoções indevidas.

A partir de 2005, com o lançamento do Projeto Nova Luz, buscava-se a revitalização do território da Luz e Campos Elíseos. Porém, logo após a aprovação do projeto, proposto pelo então prefeito José Serra, o que se verificou foram remoções de famílias, algumas residentes de longa data do local. Não bastando isso, muitos imóveis foram murados e até demolidos, para evitar que fossem ocupados novamente.

Tais intervenções, junto das promovidas no perímetro conhecido como “Cracolândia”, como a “Operação Limpa Cracolândia”, contribuem diretamente para a precarização do bairro. As ações de “limpeza” do território, que consistem principalmente na dispersão dos usuários, ao invés de eliminar o problema, apenas o espalham. Na operação citada acima, que ocorreu em paralelo ao projeto Nova Luz, foram feitas uma série de desapropriações e demolições em imóveis que serviam de moradia aos usuários, conforme destacam numerosos estudos. (TOMA, 2018).

A partir de 2012, visando a dispersão total dos dependentes químicos, iniciou-se a “Operação Sufoco”, que foi marcada por ações violentas por parte das autoridades policiais, limitando a partir de então a circulação do chamado “fluxo” ao redor da R. Helvétia.

A degradação territorial influencia de maneira direta a desvalorização imobiliária local. Já houve até o questionamento se tal degradação era feita de maneira proposital, visando a fácil aquisição dos imóveis por parte do poder público e por entidades da iniciativa privada:

“(…) no ano 2013, os comerciantes do Largo do Arouche e Santa Ifigênia protestaram com cartazes afixados nos estabelecimentos e nos postes públicos com os dizeres “A Cracolândia serve para diminuir o preço dos imóveis para desapropriação” e “Gentrificação é quando as pessoas são expulsas para os ricos tomarem seu lugar”. Estes comerciantes ao mesmo tempo que viviam a pressão dos agentes imobiliários por estarem localizados no centro de São Paulo, identificavam que havia estratégia em instaurar uma zona de drogas, prostituição e marginalidade denominada Cracolândia na região. (…)” (BAITZ 2019: p. 15)

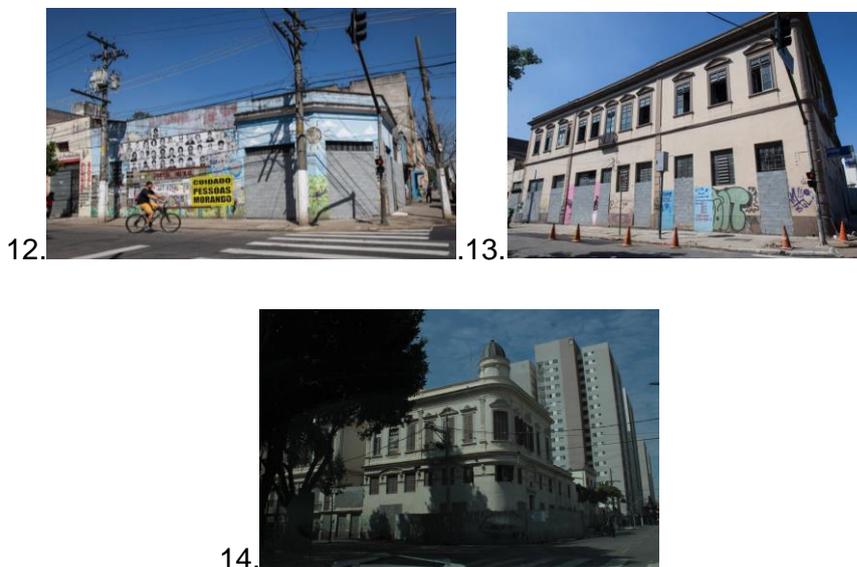
Conforme destaca o autor, com tal desvalorização, grupos e entidades, como é o caso da seguradora Porto Seguro, conseguiram a aquisição de várias propriedades no local. Algumas foram recuperadas, restauradas e incorporadas como estruturas da empresa, porém muitas propriedades não indicam um uso específico. (Id.Ibidem)

Organizações locais e colaboradoras do território têm se manifestado constantemente contra os avanços do capital privado e das intervenções violentas promovidas pelo poder público. Entre elas, encontram-se grupos de teatro, associações de moradores, universidades, entre outros. Todos se manifestam a favor de um território elaborado a partir de construções coletivas, priorizando sempre os atuais moradores e as dinâmicas locais vigentes, que sempre se mostraram muito complexas.

Nos últimos anos, muitas famílias foram removidas de suas casas, com a justificativa por parte do poder público da implantação da nova PPP (Parceria Público Privada) e do novo projeto de revitalização de Campos Elíseos. Uma série de imóveis foram emparedados (alguns de relevância histórica) ou demolidos, deixando pessoas desabrigadas e sem ter para onde ir.

A PPP Habitacional Júlio Prestes, mesmo que se mostre como alternativa habitacional no Centro de São Paulo, não leva em consideração seus atuais moradores, já que prioriza moradores de outras regiões da cidade, que cumprem os requisitos estabelecidos pela COHAB. Sendo assim, a população que fora alvo de remoção não é incluída no processo e deve buscar alternativas, provavelmente em zonas afastadas do Centro.

Caso semelhante de desconsideração em relação aos moradores de cortiços ocorre com a construção do Hospital Pérola Byington na quadra 36. Para a realização da obra, muitas famílias tiveram seus imóveis desocupados, emparedados e posteriormente demolidos. Muitas até o presente momento desta pesquisa não encontraram alternativas viáveis para seguirem residindo na região central.



Figuras 12/ 13/ 14. Imóveis emparedados. Fonte: Folha de São Paulo/ Pedro Russo, 2021.

O que se enxerga hoje no perímetro do futuro Hospital Pérola Byington e nas imediações da Praça Princesa Isabel é um cenário de abandono e devastação humana. Indivíduos em situação de rua, alguns deles dependentes químicos, ocupam as calçadas, improvisando seus acampamentos junto ao muro da obra.



Figuras 15/ 16/ 17/ 18: Território em disputa. Fonte: Pedro Russo, 2021.

A região onde estão sendo realizadas grande parte das remoções é demarcada como ZEIS-3 (Zona Especial de Interesse Social), a qual segundo o Plano Diretor de 2014, é denominada área com imóveis ociosos ou abandonados. São também áreas dotadas de infraestrutura e que devem ser recuperadas para instalação de novos empreendimentos. Porém, tais intervenções deveriam objetivar melhorar a qualidade de vida dos que ali residem atualmente, garantindo sua permanência e a gestão democrática das propostas de transformações urbanísticas. Com as remoções e a violência constante, verifica-se que isto não está sendo implementado.

4.4. Perspectivas, atores e ações

Um território é feito de pessoas e de seus cotidianos. Ao nos aproximarmos, mesmo que de maneira singela, com os moradores de determinada região e compreendermos seu dia a dia, ficam mais evidentes suas características e como ali chegaram. É possível também replicar tais características dentro do processo de transformação local. Mesmo em um contexto de pandemia causada pela COVID-19, aproximações foram feitas de diferentes formas, seja em conversas virtuais informais com pessoas atuantes no território de Campos Elíseos, derivas virtuais, pequenos roteiros de carro ou simples pesquisa que revelam um cenário urbano de miserabilidade e ausência de direitos e onde impera o descarte de pessoas e criminalização dos problemas sociais.

4.4.1. A Próxima Companhia de Teatro: em busca do respiro

Um dos primeiros grupos a serem contatados para contribuir na pesquisa foi o grupo de teatro da Próxima Companhia. Pelas restrições impostas pela pandemia, o encontro foi realizado de maneira virtual, ausente de qualquer formalidade. O objetivo ali era unicamente a troca de experiências para melhor compreensão do território estudado.

Logo de início, foi dito que o grupo não tinha iniciado suas atividades em Campos Elíseos que nem alguns outros coletivos e sim, na região da Barra Funda. Se instalaram em meados de 2016 para seu atual endereço, na Alameda Barão de Campinas. Frente às ações impositivas realizadas no território, como as desapropriações em prol do desenvolvimento imobiliário, o grupo se manifesta e atua em prol dos atuais moradores do território e de suas dinâmicas existentes. Em uma área caracterizada por remoções e desapropriações por parte do poder público sem grande aviso prévio, parte da população se vê desamparada e sem ter para onde ir.

As ações do coletivo no território de Campos Elíseos, busca dar visibilidade pública as disputas e os múltiplos sujeitos sociais, através de eventos cênicos, elaborados com pesquisas e incursões diretas no território, além de garantir aproximações e sociabilidades e

algum entretenimento para a população da área, sejam elas moradores fixos, temporários ou em situação de rua.

Mesmo com muitas intervenções realizadas pelo território, o grupo possui uma sede na R. Barão de Campinas, 529.

4.4.2. Craco Resiste

Outro grupo que foi consultado e colaborou com a pesquisa através de conversas informais foi o coletivo Craco Resiste. Fundada em 2016, por trabalhadores da região e frequentadores do chamado “fluxo” da Cracolândia, o objetivo do coletivo é minimizar as ações violentas no território, principalmente contra dependentes químicos. Mesmo que o coletivo não tenha uma sede fixa, seus integrantes se mantem em constante diálogo e articulados para as ações realizadas

Como principais ações estão políticas de redução de danos para usuários, como a distribuição de piteiras, água, preservativos e protetor labial. Dada a realidade severa do território, tais iniciativas se mostram pertinentes, devido à falta de apoio por parte do poder público. O grupo também exerce um importante papel de denúncia da violência vivenciada em Campos Elíseos, principalmente nas proximidades da Al. Helvétia até as proximidades da Estação Júlio Prestes. Casos de intervenções violentas por parte da PM e da GCM são comuns, fatos esses levaram o coletivo a organizar no início de 2021 um dossiê, reiterando as ações praticadas na região.

“Não dá para considerar que as ações são fruto de desvio de conduta de um ou outro agente exatamente porque elas são muito sistemáticas. Em processos de denúncias já conseguimos afastar pessoas específicas de lá, que de fato conseguiam ser acima da média de violência contra os usuários, mas o que vemos é que não se trata de uma conduta individual, é uma política e uma política que custa muito dinheiro, e isso é uma outra coisa que o dossiê mostra” - Renata Costa, integrante da Craco Resiste. Fonte: Agência Brasil (2021).

4.4.3. Fórum Aberto Mundaréu da Luz, Campos Elíseos Vivo

O Fórum Aberto Mundaréu da Luz é um grupo composto por moradores locais, membros dos conselhos gestores, universidades e colaboradores que atuam na região da Luz e Campos Elíseos, visando alternativas de ações e projetos vinculados à população residente. Este modo que se reveste de um caráter de assistência técnica multidisciplinar, traz à tona os conflitos diários do território e carregam proposições urbanísticas participativas.

Em 2018, foi lançado o projeto intitulado “Campos Elíseos Vivo”, que visava discutir soluções habitacionais para o território, levando em consideração os atuais moradores e seu dia a dia. Segundo estudos realizados por pessoas envolvidas no projeto, seria possível viabilizar 3500 unidades habitacionais e comerciais a partir de edifícios ociosos ou subutilizados, sem ter de demolir imóveis históricos e remover a população local. Porém, com o projeto da PPP Habitacional, o qual não inclui os atuais residentes no território, tais soluções debatidas e tantas vezes apresentadas ao poder público se mostraram ignoradas, mantendo assim a rotina de violência e tensão.

“O projeto é uma alternativa às iniciativas que têm adotado o poder público, que desconsideram as principais necessidades de moradia, de trabalho e de atendimento psicológico e social e da população que habita a região. A lei determina que os moradores de Campos Elíseos, por viverem em uma ZEIS, têm o direito de continuar a viver onde estão, e de manterem preservado o seu território popular. Assim, o *Campos Elíseos Vivo* tem como premissa o fortalecimento dessa comunidade e da diversidade no centro de São Paulo, e mostra que é possível transformar a cidade sem violência, sem exclusão e sem o apagamento da memória.” (NEAHURB: 2018, p.18)

4.4.4. Defensoria Pública do Estado de São Paulo

Como intermédio entre poder público e as organizações locais, tem-se a Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Em Campos Elíseos, o NEAHURB (Núcleo Especializado de Habitação e Urbanismo) tem atuado prestando suporte e auxílio junto aos conselhos gestores, com o intuito de garantir moradia digna e o direito à cidade.

“Cumprir dizer que no período, por força das constantes intervenções na região central da cidade de São Paulo, em regra em ZEIS – zonas especiais de interesse social (como é o caso da região conhecida como Cracolândia), o Núcleo Especializado de Habitação e Urbanismo, em parceria com o Fórum Aberto Mundaréu da Luz, elaborou cartilha ilustrativa para que a população compreenda seus direitos e possa responder dúvidas frequentes: *O que são ZEIS? O que é Conselho Gestor da ZEIS? Para que serve? O que devo fazer se moro numa ZEIS?*” - Relatório de atividades do NEAHURB (2018 pp. 8-10)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos resultados de pesquisa reside sobretudo no fato de trazer elementos de um cenário de devastação urbana, ampliado pelas consequências da pandemia, que sinaliza um processo iminente de gentrificação e descarte social. Mesmo com os fatores impostos pela pandemia de COVID-19, foram trazidos cenários e registros vividos em Campos Elíseos. As disputas vigentes no território, com emparedamentos de moradias e avanço do capital imobiliário, estão presentes e são pautas constantes das organizações coletivas

atuantes na área, que visam a consolidação de um território mais justo, enfatizando a importância das lutas e pressões por moradias dignas, garantindo a permanência dos moradores atuais. Além disso, os levantamentos empíricos e qualitativos da pesquisa destacam contingentes expressivos de população em situação de rua em confronto com a ausência de políticas estruturais no território, acentuando o quadro de descarte social, violência e devastação urbana. As diversas tentativas de propostas de intervenções urbanas habitacionais à partir do envolvimento participativo e da população local, como é o caso do Mundaréu da Luz, se depararam com entraves burocráticos e políticos que as inviabilizaram. Nesse sentido, as graves precariedades sociais devem servir como um alerta e um apelo às políticas urbanas para o território em gestação no Poder Público. Por mais que obras e projetos para o território sejam realizados é essencial para que as verdadeiras questões locais sejam atendidas e não simplesmente removidas do local.

O registro fotográfico não deixa dúvidas quanto a realidade local e foi fundamental para a realização da pesquisa e para a aplicabilidade da metodologia construída. A fotografia eterniza a realidade presente, porém no caso de Campos Elíseos, espera-se que mude rapidamente.

6. REFERÊNCIAS

BAITZ, Ricardo. Campos Elíseos: uma leitura pela estratificação dos direitos de propriedade da terra. XVI Simpósio de Geografia Urbana. 2019.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (org.). De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

BOEHM, Camila. SP: dossiê denuncia violência da guarda municipal na Cracolândia. Agência do Brasil, São Paulo, 05 de abril de 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-04/sp-dossie-denuncia-violencia-da-guarda-municipal-na-cracolandia>>. Acesso em: 03 de setembro de 2021.

BRANQUINHO, Evânio. Campos Elíseos no centro da crise: a reprodução do espaço no Centro de São Paulo. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2007.

HARVEY, David. Cidades rebeldes - do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.

HOYLER, Tema. Produção habitacional via mercado: quem produz, como e onde? In. MARQUES, Eduardo. A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades, desigualdades. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

KOHARA, Luiz T. A exploração nos cortiços do Centro e a luta pelo direito de morar dignamente”. São Paulo. In KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR. Heitor. (Orgs.). Pluralidade Urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade e ativismos. São Paulo: Editora 34. 2016.

NASCIMENTO, Douglas. Casarão de Alfredo Prates. São Paulo Antiga, São Paulo, 10 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://saopauloantiga.com.br/casarao-de-alfredo-prates/>>. Acesso em: 05 de junho de 2021.

Obra de hospital paralisada. Folha de S.Paulo, São Paulo, 05 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1602384060111236-obra-de-hospital-paralisada>>. Acesso em: 04 de setembro de 2021.

PPP da Prefeitura promove remoções em meio à pandemia e eleições. LabCidade, 2020. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/ppp-da-prefeitura-promove-remocoes-em-meio-a-pandemia-e-eleicoes/>>. Acesso em: 29 de agosto de 2021.

REQUENA, Carolina; HOYLER, Telma; SARAIVA, Camila. Interação e segregação: centro, periferia e residenciais fechados. In. MARQUES, Eduardo. A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades, desigualdades. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

TOMA, Beatriz Mayumi. Campos Elíseos: Resistência dos Invisíveis. Trabalho Final de Graduação. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2018

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

Violações, violências e remoções nos Campos Elíseos. LabCidade, 2017. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/violacoes-violencias-e-remocoes-nos-campos-eliseos/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.

Contatos: pedrorusso0903@gmail.com/ voliaregina.kato@mackenzie.br